

**BÓIA-FRIA**

*Como apareceu esse trabalhador volante, mal-alimentado e pobre? A culpa não foi só da mecanização, ou do Estatuto do Trabalhador Rural: já havia bóias-frias nos fins do século XIX.*

A tocha de fogo corre o talhão, deixando a nu a cana-de-açúcar. É preciso muito cuidado, para que não haja incêndio no canavial. É o mês de maio, época que começa a grande safra de açúcar e álcool. As usinas trabalham sem parar e dentro desse quadro de euforia surge novamente a figura sacrificada do bóia-fria.

Baianos, mineiros e pernambucanos engrossam, há vários anos, o contingente de trabalhadores rurais volantes que, em São Paulo, é estimado em pelo menos 400 mil, no pico das colheitas. À margem das estradas que cortam o Interior, o verde da cana monopoliza a paisagem e no caso da região de Ribeirão Preto isso ainda é mais forte.

Agasalhado até o rosto, o bóia-fria se mistura à fumaça que antecede o corte. O carvão suja o rosto, as mãos e a roupa. No final da tarde, são vistos em silêncios, com ferramentas no colo, lotando a carroceria de velhos caminhões. O trabalho no sol forte é estafante, as folhas cortam a pele e é comum os casos de desmaios e acidentes.

Mas que personagem é esse, o bóia-fria? Como surgiu?

O assunto é polêmico. Muitos culpam a introdução da tecnologia no campo, que permitiu a mecanização e eliminou as tarefas que antes eram feitas pelo homem. Os usineiros e sindicatos patronais costumam responsabilizar o Estatuto do Trabalhador Rural (Lei nº 4.214 de 2/3/63). Ao ampliar os direitos do operário rural acabou fazendo tantas exigências — como férias, 13º, domingo remunerado e Previdência Social — que a sua permanência na lavoura se tornou inviável economicamente. Expulso da zona rural, ele foi morar na periferia das cidades e só encontra emprego por ocasião das grandes colheitas manuais.

O agrônomo e economista José Graziano da Silva, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), rejeita a tese de que essa tenha sido a causa do aparecimento do bóia-fria. Afinal, segundo demonstra em seu livro *Progresso Técnico e Relações do Trabalho na Agricultura*, o surgimento anterior ao homem do campo.

Já no final do século XIX, as fazendas do Interior paulista dependiam das turmas de solteiros fornecidas por empreiteiros, sendo muitos deles pagos por dia na colheita ou secagem dos frutos nos terreiros. Em 1945, um quarto da mão-de-obra empregada em duas usinas de Piracicaba era constituída por trabalhadores volantes. Antes disso, em 1938, dois autores, Canabrava e Mendes, escreveram que "durante três meses (maio a junho) um parcela urbana sai pela manhã e volta à cidade à noite, com as primeiras sombras. São homens, mulheres e crianças, toda a população pobre da cidade; em consequência durante essa época, a cidade sofre falta de criadas domésticas". Eles referiam-se à época da colheita de algodão e laranja na região de Piracicaba.

Para José Graziano da Silva, o Estatuto do Trabalhador Rural aboliu a estabilidade dos empregados residentes e com isso liberou boa parte da mão-de-obra retida nas antigas fazendas de café, onde funcionava o sistema de parceria para o plantio de arroz, feijão, milho e outros alimentos básicos. O fato acabou beneficiando os usineiros paulistas, que necessitavam de mão-de-obra para aumentar a produção de açúcar, para ocupar o lugar de Cuba como fornecedor de açúcar aos Estados Unidos.

As datas estão muito próximas. Em 1962, o IBC inicia em São Paulo o programa subsidiado de erradicação do café. Nesse mesmo ano ocorre a “crise dos mísseis” envolvendo Cuba. No ano seguinte, os EUA rompem o acordo comercial de compra de açúcar de Cuba e oferecem a cota ao Brasil. Os bóias-frias, que já eram 220 mil em 1955, sobem para 320 mil em 1964, segundo as estimativas oficiais.

### **Corrida ao campo**

É no período de colheita que o bóia-fria encontra emprego e procura acumular dinheiro para sobreviver o restante do ano, quando vive de biscates mal remunerados. A partir de maio, há uma grande corrida pela mão-de-obra. Os empreiteiros, conhecidos por “gatos”, já têm as suas turmas formadas e intermediam o contrato de trabalho, responsabilizando-se pelo transporte. As donas-de-casa geralmente ficam sem as empregadas, que correm para as lavouras onde ganham o dobro. E nos últimos três anos, com a recessão econômica, os bóias-frias estão sofrendo a competição de metalúrgicos desempregados, operários da construção civil e até mesmo professores primários, segundo conta o agrônomo Carlos Lorena, que conhece três deles em Campinas que abandonaram as aulas para colher café.

A mecanização é o grande fantasma do bóia-fria. Depois de ter substituído pelas máquinas no preparo do solo, plantio e carpa, o trabalhador rural está cada vez mais ameaçado de ser trocado pela tecnologia na única função que lhe restou no campo: o corte da cana-de-açúcar, a apanha da laranja e a colheita do algodão e do café. As plantações de soja, trigo e arroz são altamente mecanizadas e dispensam a mão-de-obra em massa.

Segundo a Copersucar, 20% da área de suas usinas associadas no ano passado tiveram a colheita mecanizada. O carregamento da cana ao caminhão, hoje, deixou de ser manual, diante das ágeis empilhadeiras. A capina é um método ultrapassado, diante dos herbicidas que devoram o mato, mesmo com as implicações ecológicas sobre o solo. Nas demais operações, inclusive o tratamento da cana, a presença do homem é bastante pequena.

“Se o sindicato exigir salários muito altos, as empresas vão adotar a colheita mecânica”, sentenciou na semana passada um empresário de açúcar e álcool de Araras ao presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais da região, Norival Guadagnin, após a primeira rodada de negociações em torno dos salários.

“Nenhuma máquina faz melhor que o homem, mas o seu rendimento é maior”, admite o sindicalista, que calcula entre 50 a 60% a redução do emprego de mão-de-obra se as usinas resolverem ativar as suas cortadoras mecânicas, que estão paradas. Essas máquinas, de custo mais elevado que o bóia-fria, são normalmente acionadas em julho, quando diminui o fornecimento de cana pelos fornecedores autônomos e as usinas querem manter o mesmo nível de produção.

O agrônomo José Adriano Coli Junho, da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati), não tem dúvidas de que a mecanização da colheita, ainda pequena, tende a crescer, principalmente nas grandes propriedades. Ele acredita que nas plantações de pequeno e médio porte há uma forte tendência em aproveitar as áreas ociosas para a cultura de cereais, pelo sistema de rotação:

— É uma imposição econômica, que tem a vantagem de dar opções de serviço ao bóia-fria — diz o agrônomo.

Ele calcula que se fossem atendidas as exigências legais, durante a aprovação de projetos das destilarias, São Paulo teria uma área plantada adicional de 200 mil hectares de arroz, feijão ou milho, dentro dos canaviais. A rigor, 50% das áreas de reforma das usinas devem ser destinadas ao plantio de alimentos básicos, mas isso não é obedecido.

## **Avanço da máquina**

O professor José Graziano Filho confirma que, "quando houver substituto tecnológico viável, a troca fatalmente acontecerá". Ele aponta o Estado como incentivador da política de mecanização, à medida que concede benefícios ao financiamento das máquinas agrícolas, através do crédito rural.

O avanço da mecanização ocorre em outras culturas. O Instituto Agronômico de Campinas desenvolveu o projeto de uma máquina colhedora de café, empregada em algumas fazendas da região de Marília, mas que ainda tem um custo bastante elevado, além das dificuldades técnicas de adaptação. Uma fábrica, a Jacto, já produz o equipamento. Alguns técnicos estaduais acham que é só uma questão de tempo e já exibem filmes de bem-sucedidas máquinas que colhem laranja, pêssego e outras frutas na Califórnia.

A solução, na opinião do agrônomo Luiz Geraldo Mialhe, do Departamento de Engenharia Rural da Escola Superior de Agricultura, Luiz de Queiroz, de Piracicaba, está em colocar métodos e equipamentos à disposição do bóia-fria, para que ele aumente o seu rendimento de trabalho, com o mesmo esforço físico. Um exemplo são as carretas com plataformas móveis, usadas para a colheita de laranja nos pomares da Europa. Cada unidade conduz até 12 apanhadores, cujo trabalho é bastante facilitado. No Brasil, é necessário o uso de escadas e muitos trabalhadores utilizam os filhos menores para reunir as frutas que caem fora da caixa. "O bóia-fria ganha pouco porque a sua produtividade é baixa", afirma Mialhe.

Mais otimista quanto à utilização do bóia-fria, Mialhe acredita que a tendência é de estabilização do mercado de mão-de obra rural, mesmo com a tecnificação. Segundo ele, a colheita mecanizada exige uma infra-estrutura de manutenção bastante onerosa e só se justifica em situações de emergência, em que o usineiro precisa de uma demanda em grande quantidade e com rapidez. Um bóia-fria padrão consegue cortar ao final do dia de cinco a seis toneladas, enquanto a máquina se torna viável economicamente com o corte de 40 a 60 toneladas por hora, o que só é recomendável nas grandes plantações.

São Paulo tem os maiores índices de tratorização na lavoura canavieira, mas detém os melhores percentuais de produtividade da mão-de-obra: cada bóia-fria é responsável por mil toneladas ao longo da safra, enquanto no Nordeste cada um dá conta de 80 a cem toneladas durante o ano.

As negociações salariais deste ano provocaram dias de grande tensão, no Interior, e ainda não terminaram. No auge do movimento de pressão aos usineiros da região de Ribeirão Preto, os bóias-frias atearam fogo nas plantações, num ato de "desespero", segundo analisa José Graziano da Silva, para o qual "o trabalhador não coloca fogo no local de trabalho". Ele lembra a revolta dos trabalhadores ingleses no século 18, após o surgimento das máquinas colhedoras de trigo. Reunindo-se em tavernas para beber rum, ateavam fogo nos trigais, num movimento de banditismo conhecido por Capitan Suing, nome do líder do grupo.

## **Gato incendiário**

O folclore do Interior mostra como é fácil atear fogo num canavial. Geralmente se amarra uma corda molhada com querosene no rabo de um gato. No meio do talhão, o animal é solto, com a corda em chamas. Em poucos minutos, uma área extensa está incendiada.

Metade dos bóias-frias sai de casa sem ter ingerido absolutamente nada, segundo mostram as pesquisas feitas em Ribeirão Preto pela Faculdade de Medicina da USP. Cerca de 30% parte para o trabalho unicamente com uma xícara de café puro e os 20% restante toma café com pão.

Essa informação, segundo o médico José Eduardo Dutra de Oliveira, ilustra o quadro de subnutrição que afeta especialmente o bóia-fria rural, cujas condições estão mais degradadas que o tipo “safrista”, geralmente jovem, que vem do Norte de Minas e Sul da Bahia. "O bóia-fria, antes do tudo, é um forte, diz Dutra de Oliveira, parodiando Euclides da Cunha, quando referiu-se ao sertanejo em “Os Sertões”.

Os dados são impressionantes. Um filho de bóia-fria de 13 a 14 anos pesa entre 35 e 40 quilos, enquanto um adolescente em São Paulo, da mesma faixa etária e alimentado normalmente, pesa de 55 a 80 quilos. "Estamos criando uma sub-raça de indivíduos que são pequenos do ponto de vista físico, de pouco desenvolvimento mental. E isso é muito sério", diz ele. "São os sobreviventes da desnutrição da mãe e da alta taxa de mortalidade infantil."

A situação de miséria poderia amenizada, se ao menos o bóia-fria se alimentasse dentro dos padrões da FAO. A pesquisa do grupo de Ribeirão Preto mostrou que o homem ingere 65% do que deveria e a mulher 55%. Uma das maiores deficiências é com relação ao cálcio: o homem se nutre com 60% o que deveria e a mulher com 40 por cento apenas, ou seja, menos da metade indispensável ao bom funcionamento do organismo.

Como resultado, os bóias-frias estão mais sujeitos a gripes e resfriados e adoecem mais facilmente. E também trabalham com menor vigor físico. Aplicando testes com bicicleta, Dutra de Oliveira concluiu que o bóia-fria tem a capacidade física diminuída em 25% em relação ao tipo “rurícola” (que continua morando no campo), 50% em relação ao homem da cidade e 200% em comparação com o futebolista. “O que está faltando é mesmo a comida”, denuncia o professor, para o qual a desnutrição é uma doença subclínica, que não conduz diretamente ao hospital, mas diminui a capacidade do indivíduo. Para suprir a carência de energia, o bóia-fria ingere diariamente 50 ml de pinga e cada semana uma cerveja, bebidas que lhe suplementam as calorias, mas acabam complicando seu estado de saúde.

Wilson Marini

***(Página 5 — Caderno de Programas e Leituras)***